

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA MUNICIPAL

JUSSARA CARNIELE DE CARVALHO

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: ENTRE OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES

Belo Horizonte
2019

JUSSARA CARNIELE DE CARVALHO

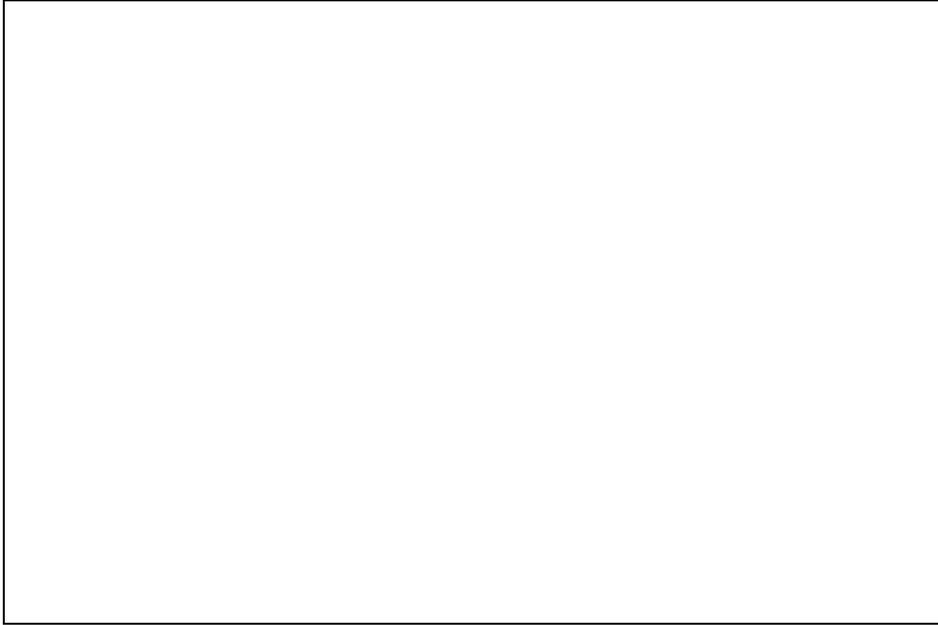
RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: ENTRE OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública Municipal.

Orientador: Prof. PhD Ivan Beck Ckagnazaroff

Belo Horizonte
2019

Ficha catalográfica

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the central portion of the page. It is intended for a catalog card.

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG. –



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Ciências Econômicas
Departamento de Ciências Administrativas
Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO do Senhor(a) **Jussara Carniele de Carvalho**, REGISTRO Nº **2017758943**. No dia 27/04/2019 às 10:00 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, indicada pela Coordenação do Curso de Especialização em Gestão Pública, para julgar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **"RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: ENTRE OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES"**, requisito para a obtenção do **Título de Especialista**. Abrindo a sessão, o(a) orientador(a) e Presidente da Comissão, **Ivan Beck Ckagnazaroff**, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares de apresentação do TCC, passou a palavra ao(à) aluno(a) para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, seguido das respostas do(a) aluno(a). Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para avaliação do TCC, que foi considerado:

() APROVADO

() APROVAÇÃO CONDICIONADA A SATISFAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS CONSTANTES NO VERSO DESTA FOLHA, NO PRAZO FIXADO PELA BANCA EXAMINADORA - PRAZO MÁXIMO DE 7 (SETE) DIAS

() NÃO APROVADO

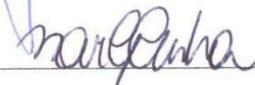
72 pontos (setenta e dois) trabalhos com nota maior ou igual a 60 serão considerados aprovados.

O resultado final foi comunicado publicamente ao(à) aluno(a) pelo(a) orientador(a) e Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o(a) Senhor(a) Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 27/04/2019.

Prof. Ivan Beck Ckagnazaroff
(Orientador(a))





Prof(a). Narrayra Granier Cunha

Prof(a). Simone Evangelista Fonseca





Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Ciências Econômicas
Departamento de Ciências Administrativas
Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal

MODIFICAÇÃO EM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

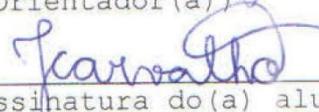
Modificações exigidas no TCC do(a) aluno(a) **Jussara Carniele de Carvalho**, número de matrícula **2017758943**.

Modificações solicitadas:

Esclarecer melhor o objetivo específico na
Introdução. Fundamentar o trabalho com mais
autores. Organizar a metodologia, identi-
ficar o número de questionário aplicado.
Contextualizar na introdução e definir
o problema.

O prazo para entrega do TCC contemplando as alterações determinadas pela comissão é de no máximo 7 dias, sendo o(a) orientador(a) responsável pela correção final.

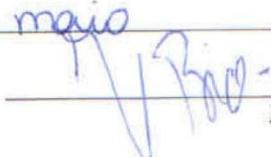

Prof(a). Ivan Beck Ckagnazaroff
(Orientador(a))


Assinatura do(a) aluno(a): Jussara Carniele de Carvalho

Atesto que as alterações exigidas Foram Cumpridas
 Não foram cumpridas

Belo Horizonte, 04 de maio de 2019

Professor Orientador


Assinatura

Sumário

Introdução	1
1 A educação básica brasileira: avanços e desafios	4
2 Relação família e escola	8
3 Parceria família e escola	14
4 Metodologia	16
5 Resultados Preliminares	21
6 Considerações finais	31
Referências	34
APÊNDICE A	38
APÊNDICE B	40

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre a influência da família no desempenho de alunos de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Paralelamente a este, também se propõe a identificar os efeitos gerados pela presença ou a ausência do núcleo familiar no desempenho dos alunos, além de refletir sobre ações que contribuam para aproximar família e escola. Os métodos utilizados são o qualitativo e o quantitativo, visto que a pesquisa apresenta tanto a visão subjetiva de parte dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, quanto dados quantificáveis para a melhor elucidação do problema. Partindo da revisão bibliográfica sobre o assunto, aborda também a realidade cotidiana de uma determinada comunidade constituindo-se, portanto, em um tipo de estudo de caso. Para coleta de dados foram utilizados questionários semiestruturados aplicados a diferentes segmentos da referida instituição. Devido à complexidade do tema, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo na qual os resultados descritos acabaram por corroborar com a hipótese inicial na qual percebe a família como importante parceira do processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar, contribuindo para o envolvimento e para o melhor desempenho dos alunos. Não obstante, este trabalho não deve ser entendido como realidade presente em todas as instituições de ensino do país, pois que apresenta apenas uma visão parcial e subjetiva de uma comunidade específica em particular.

Palavras chaves: Família, Escola, Parceria, Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study aims to analyze and reflect on the influence of the family on the performance of students of a public school in the municipal network of Belo Horizonte, capital of Minas Gerais. Parallel to this, it is also proposed to identify the effects generated by the presence or absence of the family nucleus in the students' performance, as well as to reflect on actions that contribute to bring family and school closer together. The methods used are qualitative and quantitative, since the research presents both the subjective view of the subjects involved in the teaching and learning process and quantifiable data to better elucidate the problem. Starting from the bibliographic review on the subject, it also addresses the daily reality of a given community, constituting itself, therefore, in a type of case study. To collect data, semi-structured questionnaires were applied to different segments of the institution. Due to the complexity of the topic, the content analysis technique was used in which the results described corroborate the initial hypothesis in which the family perceives the family as an important partner of the teaching and learning process in the school environment, contributing to the involvement and the best performance of students. Nevertheless, this work should not be understood as a reality present in all the educational institutions of the country, since it presents only a partial and subjective view of a particular community in particular.

Keywords: Family, School, Partnership, Learning.

Introdução

A escola, apesar de ser uma instituição oficialmente regulamentada para oferecer ensino a crianças e adolescentes, não deve ser entendida como única responsável pelo sucesso e aprendizagem dos alunos. Neste sentido, a escola carece de apoio familiar, visto que apesar de todas as mudanças e as inovações tecnológicas implementadas ou não na área, por si só não garantem a eficiência do ensino.

Sabe-se que muito tem sido feito no sentido de oferecer um ensino público de qualidade, entretanto, a maioria das políticas voltadas para a educação pública implementadas no país não foram suficientes para promover a melhoria na qualidade da educação brasileira, resultados os quais fazem com que o país ocupe uma posição insatisfatória no ranking da educação no mundo.

São inegáveis os avanços conquistados pelas políticas públicas das últimas décadas na área da educação. Sem dúvida, a universalização, o acesso e a redução da evasão escolar são apenas alguns dos benefícios causados pelas políticas públicas, mas na contramão destes avanços, carecemos de maior qualidade e efetividade quanto aos resultados a serem alcançados pelo ensino no país.

Governos, iniciativa privada, professores, coordenação pedagógica, secretarias de educação, todos tem sido chamados à responsabilidade e com toda a razão. Entretanto, na atual circunstância não há como depositar a “culpa” por este fracasso apenas na figura do professor como tem sido feito.

Apesar de todos estes avanços sociais e tecnológicos, a tão sonhada qualidade ou melhoria na educação não chegará enquanto existir descompasso entre a família e a escola. De um lado, os profissionais que trabalham na base da educação, os professores, de outro, a família, primeira instituição social a qual a criança pertence. Ambos devem caminhar juntos para que o efetivo sucesso escolar aconteça, pois segundo observação e vivência da maioria dos professores o aluno que é acompanhado de forma constante pela família costuma apresentar desenvolvimento mais satisfatório que aquele que não é acompanhado. Pois, segundo Parolim

(2003), tanto a família quanto à escola desejam a mesma coisa, muito embora, tenham particularidades e necessidades que as diferenciam.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo analisar e refletir sobre a influência do acompanhamento familiar no desempenho escolar de crianças de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte. Paralelamente a este, também se propõe a identificar os efeitos gerados pela presença ou a ausência do núcleo familiar no desempenho dos alunos desta escola, além de refletir sobre ações que contribuam para aproximar família e escola.

A escolha pelo tema parte não apenas da necessidade de se pensar e refletir sobre os desafios e barreiras que impeçam a efetiva participação das famílias na vida escolar dos filhos, mas, sobretudo, por entender esta relação de parceria como um dos elementos essenciais para o sucesso na aprendizagem e no desenvolvimento integral dos alunos.

A pesquisa apresenta de maneira sucinta alguns dados estatísticos da educação brasileira na atualidade, os avanços, os desafios, além da visão de professores de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte e de pais de alunos de algumas das turmas desta referida escola sobre a influência da família no desempenho escolar de seus filhos.

O método predominantemente utilizado é o qualitativo, que segundo Silva e Menezes (2005), apresenta o ambiente natural como fonte direta para coleta de dados no qual o pesquisador tende a analisar seus dados indutivamente. Neste sentido, esta pesquisa parte da observação e análise da realidade no ambiente escolar, entretanto, também utiliza dados quantificáveis obtidos a partir da aplicação de questionários a segmentos de atores envolvidos de forma direta e indireta no processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, foram aplicados questionários semiestruturados a parte dos profissionais da escola, entre estes, professores, direção e coordenação pedagógica. O segmento de pais ou responsáveis pelos alunos de determinadas turmas da escola também foi consultado na tentativa de alcançar uma amostra mais próxima da realidade daquela comunidade em questão.

A pesquisa está dividida em seis capítulos, além da presente introdução. O primeiro capítulo é intitulado: A educação básica brasileira: avanços e desafios; O segundo traz abordagens sobre a “Relação família e escola”; O terceiro capítulo, Parceria família e escola; O quarto capítulo,

Metodologia, apresenta os métodos e técnicas utilizados durante a realização deste trabalho; O quinto intitulado, resultados preliminares, apresenta os dados obtidos por meio da aplicação de questionários e de conversas informais no ambiente escolar. E para encerrar, o sexto capítulo apresenta as considerações finais acerca do trabalho.

1 A educação básica brasileira: avanços e desafios

A educação básica brasileira compreende três etapas: a educação infantil (para crianças com até cinco anos), o ensino fundamental (para alunos de 6 a 14 anos) e o ensino médio (para alunos de 15 a 17 anos), sendo que cada uma destas etapas possui objetivos próprios e diferentes formas de organização, gestão e competências.

Até 2006, a duração do ensino fundamental no Brasil era de oito anos, entretanto, a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração, tornando obrigatória a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelecendo prazo de implantação, pelos sistemas, até o ano de 2010.

Nessa época, a educação Infantil também sofreu alterações, pois os alunos antes matriculados aos seis anos de idade nesta modalidade de ensino tiveram que migrar para o Ensino fundamental. Em abril de 2013, uma nova emenda constitucional aprovada pelo Congresso Nacional em 2009 alterou novamente a LDB, determinando que os pais matriculassem os filhos na escola quando completassem quatro anos e não mais a partir dos seis anos de idade. Também foi definido que estados e municípios teriam até 2016 para oferecer vagas na rede pública de ensino para crianças desta faixa etária (MEC, 2011). Além da obrigatoriedade da matrícula de crianças nas escolas a partir dos quatro anos, a emenda constitucional também definiu uma carga horária mínima anual na educação infantil (de 800 horas) e controle de frequência dos alunos de pré-escolas (60%).

Atualmente, os principais documentos que norteiam a educação básica no Brasil são a Lei nº 9.394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para a Educação Básica e o Plano Nacional de Educação, aprovado pelo Congresso Nacional em 26 de junho de 2014. Outros documentos fundamentais são a Constituição da República Federativa do Brasil e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A Constituição brasileira (1988) aponta para o dever do Estado no cumprimento e oferta de vagas no ensino Fundamental de forma gratuita e universal. Segundo Portal do MEC (2011), a obrigatoriedade do ensino fundamental implica reconhecê-lo como a formação mínima que deve ser garantida a todos os brasileiros, de qualquer idade. Em sua conclusão, o estudante

deve dominar a leitura, a escrita e o cálculo. Outro objetivo desta etapa é desenvolver a capacidade de compreender o ambiente natural e social, o sistema político, a tecnologia, as artes e os valores básicos da sociedade e da família.

Visando avaliar a qualidade da Educação Brasileira, foram criados também no país alguns instrumentos como o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e a Prova Brasil. Estes indicadores apontam que o país vivencia um período de significativa melhora nos índices que medem as oportunidades de acesso, permanência e conclusão da educação básica, aspectos que aproximam o país da universalização do atendimento na modalidade do ensino fundamental. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007 (PNAD), do IBGE, 97,6% das crianças entre sete e 14 anos estão matriculadas em uma escola.

Um relatório intitulado Indicadores de Desenvolvimento Brasileiro 2001-2012 também aponta os avanços e conquistas em todas as faixas etárias, pois os dados evidenciam crescimento constante nas taxas de frequência, com destaque na faixa de quatro e cinco anos, de 55% em 2001 para 79,1% em 2012 e a universalização do acesso ao Ensino Fundamental, com 98,3% das crianças de 6 a 14 anos frequentando a escola.

A permanência na escola também aumentou no período, em todas as faixas. O dado revela que está cada vez maior a proporção de estudantes com escolaridade adequada para sua idade. Nos anos iniciais do ensino fundamental, por exemplo, 77,4% das crianças de 12 anos têm, pelo menos, quatro anos de estudo. Em 2001, essa proporção era de 68,8%.

Entretanto, a educação básica no Brasil ainda apresenta grandes desafios. Apesar de alguns dados otimistas, como a melhoria nas taxas de universalização e de frequência escolar, a tão sonhada qualidade no ensino ainda parece ser utopia.

A pesquisa Educação 2017, divulgada recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua) também aponta os principais desafios que se impõem à educação na atualidade: Ampliar o combate ao analfabetismo e à evasão escolar, diminuir a distorção idade-série e tornar o ensino mais significativo para jovens à margem da educação e do mercado de trabalho.

Os dados do IDEB (Índice de Educação Básica) sobre a avaliação da Educação Básica no país evidenciam que os resultados da aprendizagem dos alunos desde o 5º ano até o ensino médio são alarmantes, sendo que os índices ficaram abaixo do que se esperava quanto ao cumprimento de metas do Plano Nacional de Educação.

Não adentrando no mérito deste ou daquele currículo ou metodologia, dar aulas virou sinônimo de desafio, uma tarefa árdua e extenuante, pois ao mestre não cabe apenas o seu ofício de criar possibilidade de acesso ao conhecimento, hoje ele precisa driblar a falta e as lacunas que muitas famílias deixam nos filhos ainda em idade escolar. Estudos de Landini (2006) apontam que diante das variadas funções que assume na escola, professor tem que responder às exigências que estão além de sua formação, desempenhando funções que não fazem parte do seu trabalho de ensinar, ligadas a obrigações sociais que extrapolam o âmbito da sala de aula.

O professor da atualidade, muitas vezes, se sente sozinho e pressionado pelo volume de atividades que lhe são atribuídas. Neste sentido, autores como, Oliveira (2005) e Nogueira (2015), apontam que a escola, na atualidade, para além de suas funções tradicionais relativas ao desenvolvimento cognitivo do aluno, chama ainda para si certa parte de responsabilidade pelo bem estar psicológico e pelo desenvolvimento emocional do educando adentrando a domínios antes reservados à socialização familiar como a educação afetivo-sexual, a antidrogas, provocando o que já vem sendo designado pelos sociólogos de uma redefinição da divisão do trabalho entre essas duas instâncias.

Entretanto, autores como TIBA (1996) ressaltam que os papéis de escola e família são distintos, não cabendo a esta última adentrar em questões que deveriam ser de responsabilidade exclusiva das famílias. Neste sentido, o autor aponta que:

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996, p. 111).

Importante observar que o autor salienta que essa distinção de funções entre a escola e a família é o que teoricamente deveria acontecer, mas não é o que tem sido evidenciado na prática, pois muitos pais tem se negado a exercer de maneira efetiva sua função social, protetora e formadora frente ao pequeno cidadão.

O assunto é polêmico e controverso, entretanto, grande parte dos professores percebe com clareza a influência que as famílias podem exercer quando participam de forma positiva na vida escolar dos filhos. Alguns equivocadamente podem pensar que os professores dizem isso para poder se eximir de responsabilidades, como inclusive lê-se por aí, mas a verdade é que por estar em contato constante com esta prática, o professor consegue verificar a relação entre presença da família e desempenho escolar de forma recorrente. Neste sentido, escola e família devem interagir de forma que uma parceria entre estas se estabeleça, pois de acordo com Durkheim:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial que a criança particularmente se destine. (DURKHEIM, 1978, p, 41)

Educar, portanto, é tarefa comum de pais e mestres. Entretanto, os pais da atualidade parecem não perceber que a educação de seus filhos é tarefa a ser compartilhada entre a família e a escola, não cabendo apenas à última a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso dos estudantes. A escola é sim uma instituição formal de transmissão e aquisição de saber, mas não é o único lugar no qual esse deva ser buscado e devidamente trabalhado.

A família também é uma instituição social importante no processo de desenvolvimento das crianças. Nela, a criança recebe as primeiras instruções e valores os quais vão acompanhá-la por toda a sua vida, portanto, esta também é corresponsável pelo desenvolvimento pleno e satisfatório da criança e, por consequência, do aluno.

Infelizmente, muitas famílias não se sentem responsáveis pelo desenvolvimento escolar dos filhos, visto que muitas sequer demonstram qualquer preocupação ou expectativa diante da vida acadêmica dessas crianças. Neste sentido, quando se busca dialogar sobre o desempenho dos filhos é comum escutar dos pais frases do tipo, “a professora é quem tem de ensinar isso”, “ela é paga para isso”, e muitas outras ainda mais sem propósito como, “sua professora acha que tenho tempo para isso?”. Frases deste tipo evidenciam que muitos pais estão se desresponsabilizando da educação de seus filhos como se estes fossem apenas responsabilidade da escola ou do Estado.

Atitudes como estas são comuns e têm contribuído para a desqualificação e desvalorização do trabalho do professor. Conforme citado anteriormente, atualmente, ao mestre não cabe apenas ensinar. Ele precisa suprir as carências afetivas, econômicas e sociais, o que acaba por exigir dele algo além de sua própria capacidade de realização.

Sobre este assunto, outro autor afirma que:

“No momento atual o professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho em grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual etc.: a tudo isso pode somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma”. (ESTEVE, 1995, p.100)

Neste sentido, tanto a escola quanto a família devem buscar uma relação que seja capaz de contemplar momentos de diálogo e participação de forma que ambas desempenhem seus papéis auxiliando-se naquilo que for possível e necessário. Mas, na prática, é isso que tem acontecido? Como tem se dado esta relação? Família e escola têm sido instituições parceiras? Este é o assunto do nosso próximo capítulo.

2 Relação família e escola

A relação entre família e escola na maioria dos espaços e instituições escolares se limita, em grande parte, a encontros em dias de reunião de pais e mestres e, quando muito, em dias de festas promovidas pela escola. Neste sentido, instrumentos de gestão pública e democrática, como assembleias, conselhos, colegiados e fóruns ainda costumam ser muito pouco frequentados pelos pais ou responsáveis pelos alunos.

Um estudo de Oliveira E Marinho-Araújo (2010), aponta que na visão das famílias as interações estabelecidas com a escola ocorrem nos horários de saída, nas reuniões de pais convocadas pela escola ou em datas comemorativas. Ainda quanto à opinião dos pais, o Ministério da Educação (MEC), por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), realizou um estudo de âmbito nacional sobre a relação família, escola e educação (Brasil, 2005). Este estudo também apontou que, no âmbito nacional, as reuniões de pais e professores são os eventos que mais mobilizam os responsáveis.

As reuniões de pais costumam ser momentos bastante propícios para a abertura de diálogo e participação entre família e escola, mas o que se percebe na prática é que esses momentos são ainda marcados por muito desconforto e pouco envolvimento por parte das famílias. Muitas podem ser as causas deste desconforto e distanciamento, talvez estas se sintam despreparadas, pouco instruídas, e há aquelas talvez que nem percebam sua importância no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos julgando-se desnecessários.

Família e escola, apesar de possuírem objetivos comuns parecem não conseguir encontrar um ritmo que lhes permita caminhar juntos, permanecendo distantes e isolados cada um no seu próprio espaço e tempo, como se pudessem coexistir em separado, como seres pertencentes a universos distintos e opostos.

Estas duas instituições são muito importantes para o desenvolvimento pleno das crianças e para a formação do futuro cidadão de uma nação. Portanto, a família enquanto primeira instituição social a qual a criança pertence e a escola como instituição oficialmente regulamentada para oferecer-lhe ensino deveriam buscar caminhar juntas em prol de seus

objetivos comuns. Neste sentido, Nogueira (2006) ressalta que com as novas configurações de família existentes e após a proibição do trabalho infantil, os pais esperam ver nos filhos a realização e o sucesso que anseiam:

“Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais.” (p.161, 2006).

Diversos autores tem buscado compreender estas duas instituições e a importância de uma efetiva parceria entre elas para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças e adolescentes. Carvalho (2005) tece contribuições sobre este assunto, pois para a autora a família é o primeiro sujeito que referencia e totaliza a proteção e socialização dos indivíduos, independente das múltiplas formas e desenhos que a família contemporânea apresente, ela se constitui num canal de iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais.

Tanto a teoria quanto à prática demonstram que quanto maior o envolvimento e a participação dos pais na vida escolar de seus filhos, maiores são as chances destes alcançarem bons resultados em suas vidas sociais e acadêmicas. Segundo Davies ET al. (1989 apud Galvão e Marques, 2018) o envolvimento dos pais na escola está ligado ao desenvolvimento da criança e ao sucesso acadêmico e social dos alunos na escola. Neste sentido, o autor aponta:

“Quando os pais se envolvem, as crianças têm melhor aproveitamento escolar (...). As crianças cujos pais as ajudam e mantêm contactos com a escola têm pontuações mais elevadas que as crianças com aptidões e meio familiar idênticos, mas privadas de envolvimento parental” (p. 38).

Ainda segundo os autores, o envolvimento da família na vida escolar dos filhos não traz só benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos, visto que esta relação também contribui para que os responsáveis pelos mesmos passem a reconhecer o árduo trabalho do professor. Neste sentido, estes autores apontam que esta relação:

“aumenta a motivação dos alunos pelo estudo. Ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores. Melhora a imagem social da escola. Reforça o prestígio profissional dos professores. Ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentiva os pais a serem melhores pais. Da mesma forma, estimula os professores a serem melhores professores” (Marques, 2001, p. 20).

A autora Polonia (2005) também percebe a importância que família e escola desempenham na vida integral da criança e do futuro cidadão, pois aponta que a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social.

E o que dizem as leis brasileiras sobre o assunto em questão? A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) em seu Artigo 2º estabelece que: *A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

Bronfenbrenner (1999 apud Polonia e Dessen 2005) também enfatiza que os três principais sistemas que afetam a criança em desenvolvimento são: a família, a escola e o ambiente externo a estes dois contextos. Ela destaca a influência dos aspectos culturais, como crenças, valores, atitudes e oportunidades, que podem facilitar ou mesmo dificultar a evolução das pessoas.

Ainda sobre os três principais sistemas que afetam a criança em desenvolvimento, Vygotsky (2001), afirma que a criança por si só não consegue formular uma estrutura de conhecimentos por base própria. Neste sentido, o teórico desenvolveu o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), entendido por ele como: a distância entre o desenvolvimento real que estaria relacionado às atividades que a própria criança consegue desenvolver sem a mediação de uma pessoa mais experiente, e o desenvolvimento potencial, ou seja, aquele relacionado às atividades para cuja realização a criança necessita da mediação de um adulto.

Em outras palavras, Vygotsky aponta que o desenvolvimento da criança está diretamente relacionado à qualidade das relações que a esta é proporcionado nos ambientes em que vive. Portanto, segundo este autor, faz-se necessário que a criança receba orientações e suporte de pessoas mais experientes para que ela desenvolva suas funções cognitivas e psicológicas.

Sua teoria bastante divulgada nos dias atuais afirma que a aprendizagem da criança não ocorre apenas pela experiência individual, mas pela interação social construída pela criança no âmbito familiar e social, levando em consideração a formação sócio histórica do sujeito e as relações construídas nesse contexto.

Neste sentido, tanto Piaget (1984) quanto Vygotsky (1998), concebem a criança como reflexo do meio onde vivem, pois para ambos: a aprendizagem é resultado da interação do indivíduo com o outro, considerando-se a maturação biológica, a bagagem cultural e a nova situação que se apresenta. Portanto, existem diferenças individuais que precisam ser levadas em consideração quando se trata de aprendizagem escolar, pois esta é um processo social também, que é afetado por especificidades dos diferentes indivíduos.

A zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (2001) nos remete então a pensar a família e a escola enquanto mediadores do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois ao conceber aos adultos e ao meio externo influência sobre aquisição de conhecimentos por parte dos pequenos sua teoria permite inferir que a aprendizagem não cabe em um único espaço apenas, sendo, portanto, reflexo de todas as experiências vividas pela criança em seu meio social, familiar e escolar.

A parceria entre família e escola é apontada por estudos atuais ainda, como fator preditor de saúde, visto que melhora o processo de aprendizagem, afeta positivamente os resultados acadêmicos, além de prevenir igualmente problemas de comportamento, de frequência nas aulas, de abandono escolar e estimular o seguimento dos estudos em nível superior (CAVALCANTE, 1998; BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999; POLONIA; DESSEN, 2005).

E por que será então que apesar de tão necessária e eficaz a relação família e escola ainda não obtém êxito? Uma pesquisa realizada por Lima e Chapadeiro (2015) buscou analisar os casos de insucesso de uma determinada escola do Estado de São Paulo e chegou à conclusão de que um dos motivos do insucesso dessa escola se refere ao fato de que a relação família-escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada. O estudo demonstrou que a escola tende a depositar a culpa pelas dificuldades dos alunos na família e esta por sua vez, culpa a escola pelo insucesso dos filhos.

Segundo este estudo, a culpabilização gera apenas desconforto e desresponsabilização, o que não auxilia em nada no processo de aprendizagem dos alunos, contribuindo para que conflitos entre a família e a escola fiquem cada vez mais constantes e pouco efetivos. Quanto à responsabilização compartilhada, ao contrário da culpabilização que frequentemente acontece nos ambientes escolares, produziria um resultado mais satisfatório uma vez que como

parceiras, escola e família trabalhariam juntas em um objetivo comum: a aprendizagem dos filhos e por consequência, dos alunos a que os pais confiaram à escola.

Segundo Oliveira e Marinho (2010) há alguns caminhos para estudar a responsabilização compartilhada, sendo um deles, conhecer as concepções de professores a respeito das famílias de seus alunos e as concepções dos pais sobre a relação entre família e escola.

Diante disto, faz-se necessário analisar o insucesso escolar de forma mais sistêmica, buscando a compreensão de que a culpabilização não elimina o problema, podendo inclusive criar maiores barreiras para que a parceria entre escola e família se estabeleça. O olhar sistêmico sobre a relação família-escola beneficia o ensino dos alunos com dificuldades na aprendizagem ou pode até conseguir evitá-las, pois existirão melhores condições de aprendizado e desenvolvimento da criança quando família e escola mantiverem boas relações (Polonia & Dessen, 2005).

Para Priscila Cruz apud (LOPES, 2016), diretora executiva do Todos Pela Educação, o que faz diferença na hora de aproximar famílias e escolas é a percepção de ambos de que essa parceria pode trazer resultados para o aluno. Portanto, diante de evidências que apontem para dificuldades de estabelecimento de diálogo efetivo entre essas duas instituições, caberá tanto aos professores quanto às famílias buscarem estratégias que tornem mais viável essa conexão para que ambas possam realmente partilhar e contribuir em prol de um objetivo maior e comum.

Neste sentido Mittler observa que:

Uma verdadeira parceria, como em qualquer relação próxima, implica respeito mútuo baseado em uma vontade para aprender com o outro, uma sensação de propósito comum, um compartilhamento de sentimentos. Esses princípios e valores são relevantes para serem trabalhados com todos os pais e mães, mas eles representam somente a pedra fundamental de uma relação de trabalho com as famílias, as quais são diferentes entre si e têm necessidades distintas. (Mittler, 2003, p.213).

Portanto, o ato de educar exige compromisso e dedicação por parte de todos os envolvidos no processo, e neste sentido tanto os pais, quanto a equipe pedagógica e escolar devem ser parceiros e corresponsáveis pela aprendizagem satisfatória dos alunos. E diante de tais considerações e da importância do sucesso nesta parceria, há de se pensar então nos possíveis motivos que afastam ou inviabilizam a relação família e escola, além de se buscar estratégias de aproximação entre estes atores e corresponsáveis pela aprendizagem escolar.

3 Parceria família e escola

Voltando a importância da relação entre família e escola, há algumas perguntas essenciais para que haja uma reflexão sobre os limites e as possibilidades que a esta relação implicam: Será que os pais são devidamente informados sobre aquilo que se espera deles e dos alunos no cotidiano e em cada uma das etapas de seu desenvolvimento escolar? Há uma boa comunicação entre família e escola? Os pais tem conhecimento de que sua participação é de suma importância para o desenvolvimento pleno e satisfatório dos seus filhos? Nas reuniões e encontros, há espaço para real participação dos pais? Estas são algumas das perguntas que devem nortear nossa prática enquanto educadores e profissionais de educação comprometidos com seu ofício, o de ensinar.

Entender o que distancia família e escola é fundamental para transformar a realidade da educação básica atual e, portanto, cito alguns autores que trazem importantes contribuições sobre essa temática. Cavalcante (1998) aponta que as maiores barreiras ao desenvolvimento da colaboração entre estas duas importantes instituições que são a família e a escola são geralmente resultados de estereótipos, percepções distorcidas e falta de entendimento mútuo entre pais e educadores. A falta de participação também pode ocorrer porque durante o planejamento das atividades pedagógicas as necessidades e interesses das famílias dos alunos não são considerados (Krasnow, 1990). Assim a autora, adverte que quando planejar uma atividade, a escola deve se certificar de que os pais e os alunos sejam ouvidos, dando-lhes oportunidades de expressarem seus desejos e percepções.

A comunicação também é de suma importância para o bom andamento de qualquer relação. O estabelecimento de um sistema de comunicação claro com os pais é outra maneira de se promover parcerias (Swap 1992 apud Cavalcante, 2005). Neste sentido, tanto a escola quanto os professores devem estar atentos buscando certificar-se de que os pais conseguem ler as mensagens mandadas pelos professores, visto que pode haver entre estes algum pai analfabeto ou semianalfabeto o que pode limitar consideravelmente a comunicação. Neste caso, cabe aos professores achar uma maneira mais efetiva de se comunicar. A autora aconselha que os professores devem não somente mandar informações para casa frequentemente, como também devem encorajar os pais a darem sugestões que ajudem a escola a servirem melhor seus alunos. Swap (1992 apud Cavalcante, 2005) afirma que informações mandadas frequentemente e de maneira informal são normalmente bastante efetivas no sentido de

estabelecerem um bom relacionamento entre os pais e a escola. Além disso, interações informais entre pais e professores e que sejam baseadas no respeito mútuo, são também chaves para o estabelecimento de interações colaborativas mais formais e consistentes.

Ao lado disso, os pais de baixo nível sócio-econômico têm dificuldades ou se sentem inseguros ao participarem do currículo escolar. Os conflitos e limitações na sua participação podem ser produtos de sua imagem negativa como pais, de sua própria experiência escolar ou de um sentimento de inadequação em relação à aprendizagem. Mas, tais limitações também podem estar diretamente ligadas ao corpo docente, como o receio dos professores de ser cobrados e fiscalizados pelos pais, a percepção de que os pais não têm capacidade ou condições de auxiliar os filhos e a ausência de um programa ou projeto que integre pais e professores, em um sistema de colaboração (Marques, 2001, 2002).

Buscar o diálogo e a participação efetiva por parte das famílias, entretanto, não é tarefa fácil. Muitas vezes, a escola busca contato e aproximação com os responsáveis pelos alunos na tentativa de encontrar soluções para resolução de conflitos ou desempenho insatisfatório da criança sem sucesso. Nota-se que com certa frequência, antes mesmo de iniciar o diálogo, a família tende a deduzir de forma equivocada que a escola deseja responsabilizá-la pelas atitudes e desempenho das crianças o que acaba por gerar um desconforto entre as partes, pois a família tende a culpabilizar a escola ou o próprio aluno não se percebendo como parte importante e imprescindível do processo.

Segundo estudos, outra maneira pela qual a escola pode contribuir para o desenvolvimento desta conscientização seria por meio do envolvimento dos pais e alunos nos processos de tomada de decisão da escola. Este engajamento pode encorajar pais e estudantes a saírem de um estado de alienação, fazendo-os sentirem-se mais aptos no processo educacional e mais participativos na sua comunidade e sociedade. Em outras palavras, a sensação de pertencimento gerada pela utilização de práticas que permitam as famílias participarem de decisões importantes na escola colabora para que esta se sinta parte responsável pelo objeto ou assunto em questão.

Algumas pesquisas (Fonseca, 2003; Rocha, Marcelo & Pereira, 2002) têm indicado que a organização política e a participação dos pais são elementos promotores de uma nova concepção de colaboração e envolvimento escola-família e de uma mudança na concepção dos educadores e na comunicação efetiva com a comunidade. Portanto, a gestão democrática e

a participação em Conselhos, Assembleias, fóruns e palestras também podem ser elementos importantes de aproximação entre família e escola. Sobre a gestão democrática, Gadotti (1993) destaca que:

A gestão democrática da escola implica que as comunidades, os usuários da escola, sejam seus dirigentes e gestores, e não apenas seus fiscalizadores ou meros receptores dos serviços educacionais. Na gestão democrática, pais, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola. (GADOTTI, 1993, p. 17)

Parceria e colaboração são palavras que dizem muito sobre o que se deseja numa boa relação entre família e escola. Estudos de Bronfenbrenner (1999 apud Polonia e Dessen, 2005) apontam que a efetiva parceria entre família e escola também depende de como a escola permite que esta se estabeleça, em outras palavras, se a escola valoriza apenas os momentos de encontros relacionados ao conteúdo e não oferece outras oportunidades ou aberturas de participação a família tende a se afastar por entender que não é bem vinda naquele espaço. Neste sentido, Piaget afirma que:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 1972, p.50)

Portanto, se a escola percebe a importância da família no processo de ensino e aprendizagem do aluno esta deve buscar diversificar e intensificar os momentos de encontros entre estas duas instituições criando maiores oportunidades de acesso e participação às famílias, contribuindo para que estas tendam a se envolver mais com os assuntos que dizem respeito ao bom desempenho do filho e da escola como um todo.

4 Metodologia

O objetivo deste trabalho foi analisar e refletir sobre a influência do acompanhamento familiar no desempenho escolar de crianças de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte. Neste sentido, optou-se pelo método de estudo de caso, por entender que este é o tipo mais adequado ao perfil e aos objetivos desta pesquisa, além de tratar de maneira mais específica e delimitada de aspectos da vida cotidiana de indivíduos, grupo ou comunidade. Este também se configura como pesquisa qualitativa, pois devido à complexidade do tema e das relações a este inerente está dotado de subjetividade, não priorizando, portanto, as medidas ou quantidades e sim a análise sistemática da problemática em questão.

Partindo da revisão da literatura sobre o assunto, o trabalho também buscou dialogar com a realidade vivenciada pela comunidade escolar da referida escola através da aplicação de questionários semiestruturados entregues a parte significativa de profissionais e de pais de alunos da instituição. Esta fase de coleta de dados teve início na primeira semana de fevereiro de 2019, sendo encerrada somente no final do mês seguinte, pois minha proximidade e presença constante no ambiente de estudo contribuíram para que muitos dos pesquisados se sentissem mais à vontade para postergar a entrega dos questionários.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Acadêmico Vivaldi Moreira instituição pertencente à região Norte do município de Belo Horizonte e buscou uma análise qualitativa frente aos resultados obtidos por entender que as informações obtidas não podem ser mensuradas de forma exata, uma vez que decorrem da reflexão de relações e interações dinâmicas e sociais.

Sobre os estudos qualitativos em geral, e no estudo de caso em particular, Godoy (1995) adverte que o ideal seja que a análise esteja presente durante os vários estágios da pesquisa, pelo confronto dos dados com questões e proposições orientadoras do estudo, entretanto, é provável que um pesquisador pouco experiente termine a fase de coleta dos dados para depois iniciar o processo de análise. Neste sentido, um bom pesquisador deve ficar atento durante todo o processo de coleta de dados aos menores indícios que forneçam subsídios importantes para a pesquisa.

Os questionários aplicados ao segmento de pais foram entregues no dia da primeira reunião de pais e mestres da instituição. Eles foram entregues pelas professoras responsáveis por cada

uma das três salas previamente escolhidas. Os pais de alunos que não comparecem à reunião tiveram o questionário entregue em data subsequente aquela do dia da reunião. Ao segmento de pais foram entregues aproximadamente sessenta questionários sendo que, deste total, apenas dezessete foram respondidos e devolvidos para análise. Quanto à escolha das turmas para a entrega dos questionários esta teve como critério apenas a afinidade e confiança do pesquisador para com as professoras responsáveis pelas turmas em questão.

O segmento de professores e coordenação pedagógica da escola também foi consultado já que assim como a família, os profissionais da escola também são parte importante e imprescindível desta pesquisa. Os questionários foram entregues aos professores no momento do intervalo entre as aulas, período que permite maior interação e diálogo entre os profissionais da escola. Ao todo foram entregues aproximadamente vinte e cinco questionários, sendo devolvidos para análise um total de dezoito.

Os questionários aplicados foram divididos e estruturados de maneira a atender a especificidade de cada segmento ao qual ele se destinava. No segmento de professores, foram entrevistados profissionais de todas as etapas e ciclos da escola, na tentativa de alcançar uma maior aproximação entre a amostra e a realidade. As perguntas tinham como tema norteador a relação família e escola e buscavam refletir sobre os posicionamentos e a participação da maioria dos pais e de como estes podem ou não afetar o desenvolvimento escolar dos filhos. As famílias de parte dos alunos da escola também foram consultadas no intuito de compreender as dificuldades e possibilidades da participação destas na vida escolar de seus filhos e buscar ações que contribuam para uma maior aproximação entre estas e a escola.

Outro ponto que merece atenção é quanto ao uso dos questionários como estratégia de coleta de dados, pois segundo Melo e Bianchi (2015) um questionário mal elaborado pode dificultar e até prejudicar o trabalho de pesquisa. Neste sentido, os autores apontam para uma série de erros comuns cometidos durante o processo de elaboração deste procedimento de coleta de dados, sendo importante, portanto, que o pesquisador tome alguns cuidados como, redigir um roteiro o qual delimite aquilo que é essencial para a conclusão e objetivo de sua pesquisa. Eles também alertam para a necessidade de formular perguntas de fácil compreensão, que não gerem ambiguidade ou que induzem o pesquisado a respostas. Além disso, faz-se necessário que os questionários explicitem o objetivo da pesquisa, garantam o anonimato do pesquisado e informem sobre a importância deste instrumento para a conclusão do trabalho de pesquisa.

Devido à complexidade e subjetividade do tema deste trabalho, a análise de conteúdo mostrou-se uma metodologia bastante apropriada, pois esta permite que o pesquisador lance mão de estratégias e procedimentos de análise descritivas que podem ou não corroborar com a hipótese inicial geradora da presente pesquisa. Sobre o termo análise de conteúdo, Bardin (2011) aponta que este:

Designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

A utilização da análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), prevê ainda três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, ou seja, a inferência e a interpretação. Após a coleta de dados, foi realizada a primeira fase, a pré-análise, identificada como uma fase de organização. Nela estabelece-se um esquema de trabalho, envolve uma leitura “flutuante”, termo usado por Bardin (2011) para designar um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise. Neste momento também são escolhidos o formato desta organização, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material.

Na segunda fase da análise dos conteúdos, ou fase de exploração do material, são escolhidas as unidades de codificação, adotando-se procedimentos que busquem classificar os dados obtidos em categorias comuns de análise que têm como objetivo facilitar a organização e a estrutura do material coletado. Portanto, o tema influência da família no desempenho dos alunos pede no mínimo, a utilização e organização do material coletado em duas categorias de análise: profissionais da escola e família. Segundo Bardin (2011, p. 103), tratar o material é codificá-lo, transformando os dados brutos, selecionando-os e agrupando-os de acordo com os temas, conteúdos, expressões comuns, entre outros.

A terceira fase do processo de análise do conteúdo é denominada tratamento dos resultados – a inferência e interpretação. Diante dos resultados brutos, o pesquisador procura torná-los significativos e válidos. Esta interpretação exige um tratamento minucioso por parte do pesquisador que não deve se ater apenas aquilo que foi descrito buscando análise mais profunda diante do material apresentado. A inferência na análise de conteúdo se orienta por diversos polos de atenção, que são os polos de atração da comunicação. É um instrumento de

indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores, referências), segundo Bardin (2011), a partir dessas inferências e da análise cuidadosa dos dados é possível chegar a proposições que podem ou não corroborar com a hipótese inicial da pesquisa.

Sobre os fatores que motivaram o trabalho, tanto professores, quanto famílias foram devidamente informados sobre o objetivo da pesquisa e da importância desta temática para a vida de todo o meio e comunidade escolar, além de receber esclarecimentos sobre a garantia do sigilo da participação e da divulgação dos resultados da pesquisa em oportunidades posteriores.

Para encerrar, ressaltam-se as considerações de Lüdke e André (1986) sobre a importância do estudo de caso na Educação como meio eficaz de conhecimento e compreensão dos problemas da escola, ao retratar a riqueza do cotidiano escolar. Dessa forma, segundo as autoras, esse tipo de estudo nos fornece elementos importantes para a compreensão do papel da escola e de suas relações com outras instituições sociais.

5 Resultados Preliminares

Conforme descrito anteriormente, a presente pesquisa teve como objetivo analisar e refletir sobre a influência do acompanhamento familiar no desempenho de alunos de uma escola pública do município de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. A coleta de dados foi realizada na Escola Municipal Acadêmico Vivaldi Moreira, instituição pertencente à regional Norte do município de Belo Horizonte. Tal escola apresenta uma boa estrutura física, com espaço externo privilegiado e materialidade bastante acessível. Oferece atendimento nos três turnos, nas modalidades de Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano e (EJA) Educação de Jovens e adultos, além dos Programas Escola Integrada e Escola aberta. Sua clientela é bastante variada, entretanto, há predomínio de alunos provenientes de famílias de baixo poder socioeconômico.

A maioria dos profissionais desta instituição tem demonstrado preocupação constante com a pouca participação e envolvimento das famílias na vida escolar de seus filhos, fator que contribuiu para a escolha deste tema de pesquisa. Neste sentido, este trabalho também busca conexão entre a teoria e a prática na tentativa de refletir sobre os limites e as possibilidades da participação das famílias na vida escolar dos filhos.

Após a coleta de dados por meio dos questionários aplicados aos diferentes segmentos tanto de profissionais quanto de responsáveis pelos alunos foi necessário fazer um levantamento inicial dos dados brutos na tentativa de estabelecer um diálogo entre estes, o embasamento teórico e a hipótese inicial a qual deu origem ao tema e questão central do trabalho: a influência da participação da família no desempenho dos alunos. Sobre os resultados brutos, Bardin (2011) aponta que estes devem estabelecer uma correspondência entre o nível empírico e o teórico de modo a assegurar-nos – e é esta a finalidade de qualquer investigação - que o corpo de hipóteses é verificado pelos dados do texto.

No caso dos questionários, sabe-se que tanto as perguntas quanto às respostas dos mesmos devem ser transcritas de maneira que seu conteúdo subsidiará o corpus da pesquisa. Para tanto, é preciso obedecer a algumas regras e fundamentos, entre estes, a exaustividade, a comunicação da totalidade dos dados obtidos, a representatividade, a amostra deve buscar traduzir o pensamento dos sujeitos envolvidos no problema e pertinência, os documentos precisam adaptar-se ao conteúdo e ao objetivo da pesquisa.

Quanto à representatividade, este trabalho buscou dialogar com os principais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dentro da perspectiva proposta pelo tema. Neste sentido, os questionários foram aplicados tanto ao segmento de pais quanto ao segmento de profissionais da escola. Convém aqui mencionar, entretanto, que apesar de consultados, os responsáveis pelos alunos tiveram uma participação expressivamente menor que a do segmento dos profissionais, pois enquanto o retorno dos questionários destes últimos se manteve em uma média de 72%, o retorno dos questionários aplicados aos pais e responsáveis não ultrapassou os 30%, sendo ainda inferior em algumas turmas.

Os questionários semiestruturados apresentavam perguntas abertas, no caso dos profissionais da escola e, questões abertas e fechadas para o segmento de responsáveis. Tendo em vista uma melhor compreensão dos resultados obtidos, as respostas foram separadas em blocos de acordo com o tema central das perguntas, além disto, também houve preocupação em cruzar os resultados dos diferentes segmentos sendo, portanto, as respostas dos profissionais comparadas às respostas obtidas através do segmento de pais ou responsáveis.

Ainda sobre o tratamento dos dados optou-se por uma narrativa dialógica na qual após a exibição de uma tabela que aponta as principais respostas dos diferentes segmentos frente a perguntas previamente elaboradas, será apresentada uma breve análise de pontos que mereçam maior atenção e relevância para o alcance dos objetivos desta pesquisa.

A primeira das perguntas da pesquisa foi sobre a importância da participação da família na escola, seguem abaixo as respostas obtidas através da consulta dos profissionais da escola para melhor reflexão.

Tabela 1. Importância da participação da família na vida escolar do aluno- segmento de professores

Tipos de respostas	Quantidade de vezes em que foi citada
Aluno sente parte da escola	1
Essencial para o envolvimento do aluno	3
Família como continuidade, reforço e parceria	6
Para a gestão da escola	1
Por se tratar de primeira instituição social da criança	5

Fonte: elaborado pelo autor

Tabela 2. Importância da participação da família na vida escolar do aluno - segmento de responsáveis

Respostas	Quantidade de vezes citada
Apoio no desenvolvimento	6
Sentimento de valorização	2
Parceria	3
Educação e valores	3
Por que gosta	1
Saber sobre o desempenho	1

Fonte: elaborado pelo autor

As respostas evidenciam que ambos os segmentos consultados entendem a importância da participação da família na vida escolar do(a) filho(a) e, apesar de respostas bem variadas, é possível observar que a grande maioria também percebe os benefícios da relação família e escola na vida dos filhos/alunos. Neste sentido, o segmento de professores apontou que a participação das famílias na vida escolar dos filhos contribui para que haja uma parceria, uma continuidade no trabalho do professor e da escola. O segmento de responsáveis foi ainda mais enfático na questão do desempenho, pois a grande parte dos pais consultados citou o apoio no desenvolvimento do filho como fator importante da participação dos pais em sua vida escolar.

Família e escola são instituições importantes no processo de desenvolvimento das crianças e também possuem objetivos comuns. Sabe-se que a formação integral da criança não é uma tarefa fácil, portanto, dialogando e agindo enquanto instituições parceiras e co-responsáveis pelo sucesso das crianças a chance de obter maiores e melhores resultados também tende a se ampliar.

Parolim (2003) também tece considerações sobre estas instituições. Segundo a autora, tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo. Entretanto, escola e família apresentam particularidades que as diferenciam e necessidades que as aproximam. Portanto, cabe a estas duas instituições ajudarem-se mutuamente de forma que as ações mesmo quando isoladas sejam capazes de contemplar o todo e, principalmente, contribuam para o desenvolvimento dos alunos.

A pergunta posterior tinha como objetivo que o professor descrevesse como deveria ser a participação da família na vida escolar do filho. As questões abertas possibilitaram distintas respostas, entretanto, a grande maioria optou pela participação contínua, principalmente, nas

reuniões de pais e convocações individuais, além do acompanhamento do caderno. Abaixo as respostas obtidas e a quantidade de vezes em que estas foram citadas pelos pesquisados.

Tabela 3. Como deve ser a participação da família na vida escolar do aluno – segmento de professores

Tipos de respostas	Quantidade de vezes em que foi citada
Acompanhando o comportamento	1
Acompanhamento psicológico, alimentar e material	1
Socialização e troca de saber	1
Encontros mensais temáticos	1
Contínuo, através da participação em reuniões, eventos e acompanhamento do caderno.	12

Fonte: elaborado pelo autor

Além do entendimento de que a participação da família deva ser contínua, as respostas sobre essa questão apontam, ainda, para uma grande queixa por parte dos professores: o acompanhamento dos cadernos. Em constantes conversas com outros profissionais e também com pais percebe-se que a grande maioria dos responsáveis pelos alunos não possui hábito de “olhar” os cadernos com frequência, uma atitude que poderia contribuir para um melhor desempenho dos mesmos visto que muitos alunos sequer copiam ou realizam as atividades em sala de aula por saber que seus pais não vão cobrá-los pela falta dos conteúdos ou pela realização daquilo que lhe é proposto gerando, muitas vezes, alunos pouco comprometidos com os estudos.

A simples atitude de acompanhamento dos cadernos poderia demonstrar maior preocupação dos pais em relação ao desempenho dos alunos e porque não dizer maior compromisso destes com as tarefas e outros trabalhos que também demandam empenho na realização. Neste sentido, uma pergunta semelhante foi feita ao segmento de pais, muito embora, essa atitude não tenha encontrado o mesmo destaque por parte destes que muito poucos citaram o hábito de acompanhar os cadernos dos filhos.

Ainda sobre o recorte específico da participação, os responsáveis foram perguntados sobre quais são as atividades que a escola proporciona e que possibilitam esta participação? Novamente as respostas foram bastante distintas, mas neste caso em específico notei que os pais tiveram certa dificuldade em responder a esta questão, até porque três dos pesquisados não responderam a pergunta e aqueles que responderam se limitaram ao conceito de participação mais próximo de oportunidades de ser recebido em eventos festivos, como

reuniões e convocações, deixando o aspecto desenvolvimento e acompanhamento escolar cotidiano um pouco de lado.

Tais respostas trazem certas evidências de que, muitos responsáveis não compreendem o processo de ensino e aprendizagem dos filhos como algo que permita a participação ativa dos mesmos, o que de certa forma acaba delegando de forma inconsciente a responsabilidade do fracasso ou sucesso escolar única e exclusivamente a figura do professor ou mesmo da própria criança apenas.

Tabela 4. Atividades que a escola proporciona e que possibilitam a participação da família.

Respostas	Quantidade
Para casa	4
Festas, eventos e reuniões	7
Não responderam	3
Assembleia	2

Fonte: elaborado pelo autor

A coleta de dados acima demonstra que as festas e reuniões ainda são os momentos que possibilitam maior aproximação entre família e escola e, neste sentido, estes não devem ser desconsiderados. Sabendo disso, muitas instituições têm utilizado as reuniões de pais e mestres como estratégia de divulgação de comunicados, informações e solicitações de maior participação das famílias na vida escolar dos filhos.

Paro (2000) afirma que a escola deve ser o ponto de partida no processo de aproximação, buscando alternativas e estratégias que contribuam para diminuir o distanciamento entre a família e a escola, estando atenta para a realidade de seus alunos e procurando articular a participação dos pais na escolarização dos filhos para a melhoria do ensino. Neste sentido, o autor relata que a reunião de pais é um encontro propício em que os professores poderiam orientar os pais a incentivar e influenciar os filhos a terem bons hábitos de estudo e valorização do saber.

Sobre os benefícios trazidos pela participação dos pais ao aproveitamento escolar dos filhos, os professores assim responderam:

Tabela 5. Principais benefícios da participação dos pais no desenvolvimento escolar dos filhos – segmento professores

Respostas	Quantidade de vezes em que foi citada
A valorização da escola e maior envolvimento	8

Melhoria na aprendizagem	10
Diminuição da indisciplina e violência	1

Fonte: elaborado pelo autor

Alguns professores relataram que quando as famílias apresentam maior envolvimento com a vida escolar de seus filhos estes acabam se tornando inclusive mais organizados e disciplinados com os estudos. A entrevistada 1, (E.1), aponta que “alunos cujos familiares participam de sua vida escolar são mais responsáveis e aprendem a se organizar mais cedo. Eles aprendem a valorizar seu esforço nos estudos e a incluir a vida escolar em suas prioridades”. Já a entrevistada 2, (E. 2), observa que os alunos que têm pais participativos, “interagem de forma mais produtiva com as atividades escolares fortalecendo sua base para o futuro.” Portanto, os aspectos melhoria na aprendizagem e maior envolvimento foram os benefícios mais observados pelos profissionais da escola.

Para Parolim (2007), quanto maior for à parceria entre escola e família, mais positivos e significativos serão os resultados da aprendizagem da criança, portanto, a participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente. Neste sentido, a autora afirma que “A qualidade do relacionamento que a família e a escola construirão será determinante para o bom andamento do processo de aprender e de ensinar do estudante e o seu bem viver em ambas as intuições” (Parolim 2007, p. 36).

Sobre a possível relação existente entre a participação dos pais na escola e o desempenho dos filhos/alunos, os professores responderam:

Respostas	Quantidade de vezes citadas
Sim	16
Não	2

Os resultados a esta pergunta apontam para a percepção de que existe sim uma relação entre acompanhamento familiar e desempenho escolar do aluno corroborando com a hipótese inicial do presente trabalho, pois de um total de dezoito professores consultados, apenas dois não percebem esta relação. Entretanto, uma pergunta posterior a esta e bastante semelhante a qual indagava se o professor/ profissional da instituição considera que uma criança com pais participativos terá melhores resultados do que outra com pais indiferentes ao processo escolar obteve as seguintes respostas:

Respostas	Quantidade de vezes citadas
------------------	------------------------------------

Sim	17
Não respondeu	1

Interessante observar que enquanto na pergunta sobre a relação existente entre acompanhamento escolar e desempenho do aluno dois profissionais optaram pelo não, não entendem ou não percebem esta relação, na pergunta seguinte acima descrita, os mesmos profissionais que optaram pelo não entendimento desta conexão, demonstraram que é possível sim haver relação entre participação da família e desenvolvimento escolar, pois um dos dois profissionais sinalizou de forma positiva essa parceria e o outro optou por não responder a pergunta.

Sobre estratégias de melhorias de participação/parceria entre família e escola, tanto os pais quanto os profissionais foram pesquisados. A pergunta para o segmento de profissionais da escola na íntegra foi: Como professores e diretores podem estimular uma maior participação dos pais na escola para o melhor aproveitamento escolar dos alunos? As respostas estão descritas logo abaixo:

Tabela 6. Sugestões de estímulo à participação das famílias – segmento dos professores

Respostas	Quantidade de vezes em que foi citada
Diálogo	3
Informação e conscientização	5
Tarefa da SMED, PBH, Estado	1
Não é tarefa fácil	1
Grupo de pais amigos da escola	1
Através de projetos extras/palestras	5
Uso de tecnologias (e-book)	1
Criar diferentes canais de comunicação	1
Horário de atendimento mais flexível	1
Parceria com outras instituições	1

Fonte: elaborado pelo autor

As respostas dos profissionais demonstraram bastante preocupação e sugestões variadas de como alcançar as necessárias mudanças na dinâmica estabelecida entre pais e escola, sendo o uso do diálogo, da conscientização e de palestras as ações mais citadas pelos professores como estratégias mais significativas para estimular a participação das famílias.

A escola pesquisada já adota tais práticas há algum tempo, sendo realizadas com frequência palestras com temas de interesse dos alunos e também da comunidade. Neste ano, até a

presente data, já foram realizadas duas palestras na escola, uma teve como tema justamente a questão da parceria família e escola e a outra, trouxe abordagens sobre o abuso sexual na infância e na adolescência, entretanto, ambas com pouca participação e presença por parte das famílias.

A pergunta sobre sugestões de melhoria da participação das famílias na vida escolar dos alunos ao segmento dos pais trouxe dados pouco consistentes e até preocupantes, pois a maioria dos consultados não apresentou sugestões de melhoria, enquanto outros sequer responderam a pergunta, conforme ilustrado abaixo:

Tabela 7. Sugestões de melhoria da participação das famílias – segmento dos pais

Respostas	Quantidade
Proporcionar bem estar na escola	1
Não	7
Não responderam	4
Cobrar mais leitura das crianças	1
Apresentar o conteúdo desenvolvido aos pais	1

Fonte: elaborado pelo autor

As respostas sugerem um aparente dilema: enquanto os profissionais demonstraram preocupação no sentido de buscar melhorias para a qualidade da relação entre família e escola, os pais parecem estar indiferentes, pois não trouxeram dados ou opiniões significativas sobre a necessidade de melhorias nesta relação. Buscando entender estas respostas, a que se pensar que os pais podem sentir-se inseguros ou despreparados para sugerirem opções de melhoria. Neste sentido, Marques (2001, 2002) aponta que as limitações dos pais quanto à participação em diferentes assuntos e temas relativos à escola também se devem ao receio que estes podem sentir diante da figura do professor.

Estudos de Tancredi e Reali (2001), Reali e Tancredi (2002) trazem contribuições sobre este assunto, pois apontam que a construção da parceria entre escola e família é função inicial dos professores, não cabendo a estes esperar que os pais procurem informações dos filhos na escola, pois dada a sua formação profissional específica, as tentativas de aproximação e de melhoria das relações estabelecidas com as famílias devem partir, preferencialmente, da escola.

A pergunta seguinte traz ainda mais evidências sobre como os pais avaliam a relação entre família e escola, pois por meio destas é possível notar que grande parte dos responsáveis

consultados avalia a relação família e escola de forma bastante positiva, conforme os resultados abaixo:

Tabela 7. Avaliação da relação entre família e escola – segmento dos pais

Respostas	Quantidade de vezes citada
Ótima	4
Importante	2
Muito boa	6
Parceria	2
Potencializa as potencialidades dos alunos	1
Oferece liberdade para opinar	1
Favorável	1

Fonte: elaborado pelo autor

As duas últimas perguntas do questionário direcionado ao segmento de pais foram estruturadas de forma diferente das demais, pois enquanto as outras eram questões abertas estas tinham opções prontas de respostas, as quais os responsáveis poderiam assinalar mais de uma resposta.

Na primeira delas, a pergunta foi sobre quais são as principais dificuldades que a família sente em participar na vida escolar de seu (ua) filho (a).

Tabela 8. Dificuldades da família em participar da vida escolar dos filhos – segmento de pais

Opções	Quantidade de vezes citadas
Horário profissional não permite	1
Dificuldade de conciliar o horário profissional com o horário da escola	6
Não me sinto à vontade/preparado para acompanhar as atividades propostas	Não recebeu votos
Outra situação	X
Nenhuma	5
Não responderam	3

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados acima descritos apontam que um dos motivos que contribuem para a pouca participação das famílias na vida escolar dos filhos seria a dificuldade de conciliar o horário de trabalho com o horário da escola e das reuniões. Neste sentido, a escola em questão

também já promoveu reuniões de pais aos sábados, porém também com pouca frequência e participação por parte das famílias.

A segunda questão, também fechada, pedia para que os pais indicassem quais as atividades em que eles (os responsáveis) mais participam na vida escolar dos filhos. Nesta questão havia uma orientação no sentido de escolher apenas três opções de atividades de um total de nove, pois o objetivo era que os pais escolhessem somente as atividades em que eles mais participavam na vida escolar do filho.

Tabela 9. Atividades de maior participação dos pais – segmento de pais

Opções	Números de vezes citadas
Ir levar/buscar o(a) filho(a)	10
Participar na reunião de pais	13
Observar os cadernos com frequência	10
Participar em tarefas de casa	9
Participar de festas e eventos	8
Participar de órgãos colegiados	X
Participa de assembleias	1
Participa de conselhos escolares	1
Nenhuma destas	X

Fonte: elaborado pelo autor

Por meio da coleta de dados, os pais responderam que as atividades em que eles mais participam da vida escolar dos filhos são nos momentos das reuniões de pais, das festas, no acompanhamento dos cadernos, além de participar no transporte e no deslocamento das crianças até a escola.

As reuniões de pais podem ser momentos bastante favoráveis para o diálogo e a conscientização das famílias sobre a importância que estas têm para o desenvolvimento pleno e satisfatório de seus filhos. Entretanto, os encontros e a participação dos pais na escola não devem ser limitados às reuniões de pais, devendo ser ampliadas as possibilidades sempre que possível. Vasconcelos (1989) afirma que os pais devem interagir com os professores não somente nas reuniões pedagógicas, mas em outros momentos como na construção do Projeto Político Pedagógico, na participação de uma aula, em grupos de reforço escolar, grupos de mães, colocando inclusive suas especialidades a serviço da escola e dos alunos.

Antes de encerrar a descrição e análise dos dados, convém mencionar que o retorno dos questionários pelo segmento de responsáveis pelos alunos não ocorreu conforme o esperado, pois parte significativa dos pais não respondeu ao questionário, ou apesar de respondê-lo não o devolveu ao remetente. Neste sentido, de um total de 60 questionários que foram entregues, apenas 17 foram respondidos e devolvidos para análise.

Apesar da pequena amostra, os dados coletados através da aplicação dos questionários aos diferentes segmentos da comunidade escolar evidenciam que a maioria dos participantes da pesquisa comunga da tese inicial sobre a importância da participação das famílias na aprendizagem dos filhos/alunos. Entretanto, no segmento professores, direção e coordenação pedagógica a valorização desta relação entre família e escola ganha contornos mais visíveis e incisivos que nas respostas obtidas pelos pais ou responsáveis pelos alunos.

6 Considerações finais

Apesar das inúmeras conquistas na área educacional, entre elas, a universalização do atendimento a nível Fundamental e a diminuição da distorção idade- série há ainda muitos desafios a ser vencidos para que possa ser alcançada a tão sonhada qualidade de ensino no país.

Sabe-se que os resultados que ai estão não são reflexos isolados de apenas um dos tantos fatores ou tópicos em questão e que, muito provavelmente, vários são os fatores que colaboram para a queda dos índices de qualidade da educação no Brasil. Entretanto, as evidências da influência da participação da família no desempenho dos alunos têm sido pauta constante entre muitos professores da escola em questão, não devendo, portanto, ser desconsiderada.

Os resultados da presente pesquisa apontaram para a relação existente entre acompanhamento familiar e desempenho escolar. Ademais, a maioria das respostas obtidas por meio da aplicação dos questionários demonstra que tanto as famílias quanto os profissionais da escola entendem a importância da relação harmônica e efetiva entre estas para o bom desempenho acadêmico dos filhos e, conseqüentemente dos alunos.

Família e escola são instituições básicas e essenciais ao desenvolvimento pleno e satisfatório de qualquer cidadão, sendo que a educação, portanto, não deve estar limitada ao ambiente escolar, visto que esta, segundo Durkeim (1978) é definida como “a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social” (1978, p.41).

Diante de tais considerações, algumas iniciativas já têm sido tomadas por parte das equipes pedagógicas das escolas e das Secretarias Municipais de Educação, sendo cada vez mais comum nas escolas a prática de proporcionar encontros e eventos que favoreçam momentos de diálogo e participação por parte das famílias no meio escolar. Por pertencer a uma rede pública de ensino, a escola em questão conta com diferentes instrumentos de gestão democrática e participativa, como assembleias, conselhos de pais, colegiado, fóruns temáticos, palestras, e apesar disso, é notória a pouca participação das famílias nestas atividades e nos encontros proporcionados por esta instituição.

Neste sentido, faz-se necessário a adoção de medidas e estratégias tanto por parte do Estado quanto por parte das próprias instituições escolares no intuito de estimular maior participação e envolvimento das famílias nas atividades escolares de seus filhos. Medidas simples como campanhas vinculadas na mídia e maior conscientização sobre os verdadeiros papéis e funções de pais e responsáveis pode ser um caminho bastante eficaz. Por parte das escolas e professores, estabelecer um bom diálogo e uma boa comunicação entre a família e a escola também podem ser fatores positivos para alcançar uma melhor participação das famílias na vida escolar de seus filhos.

Família e escola devem ser parceiras inseparáveis no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois não há como dissociar o filho do aluno, tampouco o aluno do filho, portanto, a educação destes é de responsabilidade de ambas as instituições. A família não deve se eximir de sua função educadora, visto que ela é a primeira instituição social a qual a criança pertence. E à escola, também não cabe se ausentar de sua tarefa, pois segundo Silva (1993):

A função da escola, para além de transmitir conhecimentos, (...) é também a de contribuir para o desenvolvimento global do indivíduo, a nível cognitivo, motor, afetivo, criativo, e contribuir para a sua socialização interiorização dos valores dominantes na sociedade”. (Silva, 1993, p.71).

Portanto, apesar dos limites e das possibilidades que a estas se impõem, família e escola devem caminhar juntas, buscando apoio uma na outra de forma que o aluno seja o centro e o objetivo maior de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Em suma, apesar dos indícios dos benefícios proporcionados por esta relação, o presente trabalho sobre a influência do acompanhamento familiar no desempenho escolar dos alunos de uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte não deve ser entendido como representação ou cópia fiel da realidade de todas as escolas públicas do país, não obstante, porém, apesar da pequena amostragem produzida, este pode ser utilizado como fonte de análise sobre esta temática em futuras pesquisas e estudos na área educacional.

Referências

- ANDRADE, Maria José Netto; GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; DAMIANO, Gilberto Aparecido. **Metodologia de pesquisa em educação**. – ed. rev. ampl. – São João del-Rei, MG : UFSJ, 2011. 97 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A relação Escola-Pais: um modelo de trocas e colaboração**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 106, p. 191-216, mar. 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** 9.394/96. Brasília. MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. (2005). Pesquisa nacional qualidade da educação: a escola pública na opinião dos pais: resumo técnico executivo. Brasília: Ministério da Educação.
- BRASIL. Ministério da Educação. A Educação Básica, Avanços e Desafios. Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva. Secretária de Educação Básica Ministério da Educação. 2011 Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9260-educacao-basica-brasil-avancos-desafios-pdf&Itemid=30192>
Acesso em 28 de Abril de 19
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2004, n.25, pp.94-104. ISSN 1413-2478. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000100009>.>
- CARVALHO, M. E. P. de. **Relações entre Família e Escola e suas implicações de Gênero**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 110, p. 143-155, jul. 2000.
- CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. **Colaboração entre pais e escola: educação abrangente**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 1998, vol.2, n.2, pp.153-160. ISSN 2175-3539. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000200009>.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 11ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DUTRA, Andréia Lima Pereira. **Parceria escola e família: Relatos de experiência**. Alexânia/GO, Março de 2013. 40 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/5352>
- ESTEVE, J. M. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, A. (Org.). Profissão Professor. Porto: Porto Ed., 1995. p.100.

FONSECA, M. (2003). **Projeto político pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar.** Cadernos do CEDES, 23, 302-318.

GADOTTI, M. **Historia das Idéias Pedagógicas.** São Paulo: Ática, 1993. p. 17.

GALVÃO, Joana e MARQUES, Ramiro. Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, Vol. VI, N.º 1, 2018, pp. 37-46 ISBN: 2182-9608
<http://ojs.ipsantarem.pt/index.php/REVUIIPS> COMO ENVOLVER OS PAIS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO? Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.15/1527>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016-2017)**

Disponível em:

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/05dc6273be644304b520efd585434917.pdf. Acesso em: 30 de Abril de 19

LANDINI, S. R. Professor. **Trabalho e Saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor.** VI Seminário da Redestrado - Regulação Educacional e Trabalho Docente-UERJ – Rio de Janeiro – RJ 6 e 7 de 2006.

LIMA, Tarcila Barboza Hidalgo; CHAPADEIRO, Cibele Alves. **Encontros e (des)encontros no sistema família-escola.** Psicol. Esc. Educ., Maringá, v. 19, n. 3, p. 493-502, dez. 2015. Disponível em
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300493&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2019

LOPES, Marina. **Modelo de educação básica fracassa nas escolas do Brasil.**

Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2018/09/03/internas_educacao,985523/modelo-de-ensino-basica-fracassa-nas-escolas-do-brasil.shtm>

MARQUES, R. (2001). **Professores, família e projeto educativo.** Coleção: Perspectivas actuais em educação. Porto, Portugal: Asa Editores. Marques, R. (2002). O envolvimento das famílias no processo educativo: resultados de um estudo em cinco países.

MELO, W. V.; BIANCHI, C. S. **Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa.** Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v.8, n.3, 2015.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais.** Porto Alegre, Artmed: 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e Escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade**, p.155-170, jul. 2006. Disponível em:
 <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v31n02/v31n02a10.pdf>>. Acesso em: 19 de abril de 19

- NOGUEIRA, Maria Alice. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14-15, p. 91-103, ago. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1998000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X199800010000>
- OLIVEIRA, C. B. E., & MARINHO-ARAÚJO, C. M. (2010). **A relação família-escola: intersecções e desafios**. Estudos de Psicologia, 27(1), 99-108.
- OLIVEIRA, D. A. **Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes**. São Paulo, Autêntica, 2003
- PAROLIM, Isabel. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. Fortaleza, 2003)
- PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. Pais e Educadores: quem tem tempo de educar? Porto Alegre: Mediação, 2007.
- PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- POLONIA, A. da C.; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das Relações entre Família e Escola**. Psicologia Escolar e Educacional, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.
- Reali, A. M. M. R., & Tancredi, R. M. S. P. (2002). **Interação escola-famílias: concepções de professores e práticas pedagógicas**. In M. G. N. Mizukami & A. M. M. R. Reali (Orgs.), *Formação de professores, práticas pedagógicas e escola* (pp.74-98). São Carlos: EdUFSCar.
- ROCHA, D. G., Marcelo, V. C. & PEREIRA, I. M. T. B. (2002). **Escola promotora de saúde: uma construção interdisciplinar e intersetorial**. Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano, 12, 57-63.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª ed, Florianópolis, 2005.
- SILVA, P. **A ação educativa: um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos**. In Os professores e as famílias – Colaboração Possível, Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003
- TANCREDI, R. M. S. P., & Reali, A. M. M. R. (2001). **Visões de professores sobre seus alunos: um estudo na área da educação infantil**. Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPEd. (pp.1-16). Caxambu. Recuperado em abril, 2006, disponível em www.anped.org.br

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** - 1ª edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.) *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* São Paulo: Ícone, 1998. p.103-117

APÊNDICE A

Questionário sobre a relação família escola – Segmento de pais

Curso: Pós-graduação em Gestão Pública Municipal

Orientador (a) de TCC:

Objetivo da pesquisa: Analisar a importância da participação dos pais no desempenho escolar dos alunos.

Prezados pais sua participação nessa pesquisa, respondendo ao questionário, é essencial para a realização do projeto: "Relação família e escola: ente os limites e as possibilidades". Agradeço a sua disponibilidade e contribuição que farão parte desta produção científica. Os (as) participantes não serão identificados por meio dos nomes, garantindo assim o sigilo da sua colaboração. Coloco-me a disposição para apresentar os resultados da pesquisa.

Jussara Carniele

Identificação: () Mãe () Pai () Avó () Avô () Outro:

1. Quais são as atividades relativas ao desempenho escolar do seu filho em que há a sua participação?

2. Quais são os membros da família que participam com mais frequência dessas atividades?

3. Quais são as atividades que a escola proporciona para a sua participação?

4. Qual é para você a importância da participação da família na escola? Por quê?

5. Como você avalia a relação entre família e escola?

6. Você tem sugestões de melhoria para essa participação?

7. Quais as principais dificuldades que sente em participar na vida escolar de seu filho (a):

Assinale:

- horário profissional não me permite
- Dificuldade em conciliar o horário profissional com o horário da escola
- Nunca me foi solicitada a participação
- Não me sinto à vontade para acompanhar as atividades propostas
- Outra situação. Qual? _____

8. Indique quais as atividades em que, a mãe e ou o responsável, mais participam. Assinale apenas três opções.

- Ir levar/buscar o aluno
- Participa nas reuniões de pais
- Participa de festas e eventos
- Observa os cadernos com frequência
- Participa em atividades desenvolvidas em casa (como trabalhos de casa...)
- Participa em eventos da instituição (como festas temáticas, comemorações...)
- Participa de órgãos colegiados
- Participa de assembleias
- Participa de conselhos escolares
- Nenhuma destas

APÊNDICE B

Questionário sobre a relação família e escola – Segmento de professores

Curso: Pós-graduação em Gestão Pública Municipal

Orientador de TCC:

Objetivo da pesquisa: Analisar se há relação entre acompanhamento familiar e desempenho escolar.

Prezados professores sua participação nessa pesquisa, respondendo ao questionário, é essencial para a realização do meu trabalho de conclusão de curso: "Relação família e escola: entre os limites e as possibilidades". Agradeço a sua disponibilidade e contribuição que farão parte desta produção científica. Os (as) participantes não serão identificados por meio dos nomes, garantindo assim o sigilo da sua colaboração. Coloco-me a disposição para apresentar os resultados da pesquisa.

Atenciosamente,

Jussara Carniele

1. Qual é para você a importância da participação da família na escola? Por quê?

2. Quais são os principais benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos trazidos pela participação dos pais?

3. Como você pensa que essa participação deveria ser?

4 - Em sua opinião, há uma forte relação entre a participação dos pais na escola e o desempenho do aluno?

5 – Você considera que uma criança com pais participativos terá melhores resultados do que outra com pais indiferentes ao processo escolar? Por quê? Quais são para você as evidências disso?

6 - Como professores e diretores podem estimular uma maior participação dos pais na escola para o melhor aproveitamento escolar dos alunos?
